

MIRADOURO, de Júnia Penna

Ana Avelar

Curadora do Programa de Intervenções do Museu da Inconfidência

O Programa de Intervenções do Museu da Inconfidência apresenta a obra *Miradouro*, 2020, da artista e professora Júnia Penna, uma escultura interativa instalada no pátio do Museu¹.

Espécie de posto de observação, como aqueles que são destinados aos salva-vidas nas praias e piscinas de grande fluxo, *Miradouro* apresenta-se como ponto privilegiado para avistar o edifício, cuja arquitetura está repleta de histórias de tantos séculos. Nas cadeiras-observatórios dessa obra é possível sentar-se, contemplar e perceber estruturas físicas, sociais e políticas que habitam o Museu, como afirma a artista.

Do *Miradouro*, podemos compartilhar um ponto de vista privilegiado, pertencente aos funcionários da instituição ou aos guardas que comandavam a cadeia que o edifício abrigou em determinado momento de sua existência. Nesse papel, possivelmente veríamos os prisioneiros. De cima do *Miradouro*, nos perguntamos: podem as paredes e os objetos contar essas histórias? Quem escolheu estes objetos e que outros objetos poderiam estar aqui?

Podemos dizer que o olhar distraído que temos de cima do *Miradouro* é diferente daquele que necessitamos incorporar ao entrar num espaço expositivo. Museus são lugares nos quais nossos corpos são reprimidos – queremos tocar, falar alto, correr, mas sabemos que isso não é permitido. A razão desse protocolo rígido museológico deve-se ao valor simbólico e, conseqüentemente, financeiro dos objetos que compõem o Museu. A instituição guarda itens que possuem relevância como patrimônio do país, eleitos historicamente por instituições e sociedade civil; uma guarda de todos para todos.

Portanto, nosso comportamento diante deles é de cerimônia e formalidade; nossos corpos retesam porque os objetos, ao mesmo que nos pertencem, dado que constituem narrativas museais sobre nosso passado, também não pertencem apenas a nós. Atravessam gerações, silenciosos em suas vitrines. São históricos, estão além de nossa existência, da efemeridade da minha ou da sua vida. Não falam, mas enunciam sentidos – com eles, refletimos sobre nossas histórias imediatas ou distantes, a vida e a morte, injustiças e desejos. Ao visitar o Museu, nossa experiência é atravessada por histórias e sentimentos; saímos da rua e entramos naquele mundo estático, solene, circunspecto. Tanto acontece dentro de nós.

¹ A inclusão de *Miradouro* no Programa de Intervenções do Museu da Inconfidência foi possível apenas com o consentimento dos membros da exposição “Decurso”, com curadoria de Guilherme Bueno, que ocupa o Anexo do Museu. O Programa agradece aos artistas Isaura Pena, Junia Penna, Malu Fatorelli, Nena Balthar e curadoria pela parceria.

Ao ocupar os assentos da escultura, agora com o corpo relaxado, descansando da experiência museológica intensa de ver, olhar, ler, compreender, assumimos a postura da criança (talvez sejamos crianças) e podemos subir e descer, conversar, rir, brincar, estar. Perguntamos ao colega se podemos trocar de assento, se a vista é diferente ali de onde olha; sentimos um frio na barriga ao avistarmos o chão de quase três metros de altura. Parece que estamos no parquinho de uma praça, onde a vontade do corpo pode ser atendida. Enquanto relaxamos, refletimos sobre o Museu e aquilo que vivemos aqui. Talvez conversemos com pessoas desconhecidas; talvez calemos.

Miradouro é brincadeira, acolhimento, contemplação. É vida em comunidade². É o que a arte contemporânea, no museu histórico, pode ser.

² Impossível não lembrar da máxima do artista Hélio Oiticica: "o museu é o mundo". Em outras palavras, é na vivência do cotidiano que a arte acontece.